



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

“Os adultos como eu também criam lendas”: Clarice Lispector e a escrita para crianças “Adults like me also create legends”: Clarice Lispector and writing for children

Naelza Araújo Wanderley¹

Resumo: Ao se debruçar sobre a produção literária de Clarice Lispector, dificilmente o leitor encontrará, entre as principais referências para conhecimento da obra dessa autora, a indicação de textos que fazem parte da escrita lispectoriana dedicada ao público infantil, como o conjunto de lendas que compõem o livro *Doze lendas brasileiras: como nasceram as estrelas*, obra elaborada a partir de um processo de reescritura de contos populares. Ainda assim, textos infantis de Clarice são constantemente reeditados e consumidos por leitores ávidos de suas mininarrativas. Destarte, este estudo pretende discorrer sobre o processo de reescrita desenvolvido pela autora no reconto das narrativas populares em suas doze lendas, tornando ainda mais desafiadora uma classificação para sua escrita, que, também através de narrativas infantis, continua fazendo da literatura um espaço de diálogo entre o homem e o tempo presente.

Palavras-chave: Literatura infantil lispectoriana; Reescrita; Conto popular.

Abstract: When looking at Clarice Lispector's literary production, it is difficult for the reader to find, among the main references for knowledge of this author's work, the indication of texts that are part of the Lispectorian writing destined to children, such as the set of legends that compose the book *Doze lendas brasileiras: como nasceram as estrelas*, a work elaborated from a process of rewriting popular tales. Nevertheless, Clarice's children's texts are constantly reissued and consumed by avid readers of her mini-narratives. Thus, this study intends to discuss the process of rewriting developed by the author in the retelling of the popular narratives in her twelve legends, making it even more challenging to classify her writing, which, also through children's narratives, continues making literature a space of dialogue between man and the present time.

Keywords: Lispectorian children's literature; Rewriting; Popular tale.

“Antes de aprender a ler e a escrever eu já fabulava” (Clarice Lispector)

Considerações iniciais

¹ Professora Associada IV da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), com Graduação em Licenciatura plena em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Patos (1992), Especialização em Metodologia do Ensino Superior pela Fundação Francisco Mascarenhas / UFPB (1996), mestrado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2001), doutorado em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (2005) e pós-doutorado na área de Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2007). Suas atividades acadêmicas estão direcionadas para a graduação e Pós-Graduação, no PPGLE (Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino) onde desenvolve, atualmente, o projeto de pesquisa “Os folhetos de cordel e a reescrita do cânone: um passeio do erudito ao popular e do popular ao erudito.” Lattes CV: <http://lattes.cnpq.br/3611928212835405>.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Ao estudarmos a obra de Clarice Lispector, é possível observar um número significativo de pesquisas existentes sobre os mais diversos aspectos que envolvem a sua produção literária. Entretanto, é também possível observar que, dentre tantas pesquisas que fazem parte da fortuna crítica da autora, bem poucas foram direcionadas à literatura produzida por Clarice destinada ao público infantil.

O livro *Doze lendas brasileiras: como nasceram as estrelas*, escrito em 1977 e publicado postumamente, faz parte do conjunto de cinco narrativas escritas pela autora dedicadas ao público infantil, sendo elas: *O mistério do coelho pensante* (1967), *A mulher que matou os peixes* (1969), *A vida íntima de Laura* (1974), *Quase verdade* (1978) e *Doze lendas brasileiras: como nasceram as estrelas* (1987). Embora sejam dignas do mesmo reconhecimento que recebem todos os demais livros de Clarice Lispector, destinados aos adultos, essas obras ainda são pouco conhecidas da maioria do público, uma vez que a tradição da literatura infantil brasileira ainda não referencia o nome da autora como parte do grupo de autores que tem uma escrita literária voltada para o público leitor infantil.

A escrita da obra *Doze lendas brasileiras: como nasceram as estrelas* tem como ponto motivador a solicitação de uma conhecida fábrica de brinquedos da época à autora, para que esta escrevesse um texto para um calendário. Cabe lembrar que a própria Clarice afirma que não se considerava uma escritora profissional, entretanto o mundo capitalista a força a ceder ao mercado, e a escrita elaborada para essas histórias, aparentemente inacabada, não só pode revelar um dos aspectos comuns à obra da escritora, como também uma espécie de protesto a ser lido nas palavras e nas entrelinhas dos contos.

Esses fatos, possivelmente, justificam o comentário da autora Nádya Gotlib sobre as histórias dessa coletânea, ao afirmar que elas “[...] não apresentam grande interesse estético, embora haja um bom repertório de motivos, personagens e situações. A surpresa final, comum a quase todas as histórias, não chega a ter função importante, de modo a causar o espanto típico das boas histórias contadas por Clarice.” (GOTLIB, 1995, p. 445).



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Fato é que, como resultado desse contexto vivenciado pela autora, nasceram as doze narrativas que recontam, através de um processo de reescrita² ímpar, os contos que perpassam a literatura oral brasileira, a tradição das histórias peninsulares e os próprios textos da autora, abordando diversas temáticas, uma para cada mês do ano e com desfechos às vezes incomuns ao universo denominado infantil. Talvez porque Clarice também não acreditava na divisão de públicos entre o adulto e o infantil, afinal era desejo da autora escrever uma história para adultos que tivesse como frase introdutória o famoso bordão “Era uma vez...”, tradicionalmente dirigido ao público infantil, conforme afirma em uma de suas crônicas do livro *Para não esquecer*.

Dessa forma, a diversidade de textos e temáticas que se entrecruzam livremente na coletânea sem delimitação de gêneros / fronteiras entre o que é parte do folclore ou parte de uma forma específica associada à cultura popular ratificam, também aqui, a definição de “inclassificável” para a obra de Clarice. O conjunto de textos da obra, já estabelecido no título pela autora como “lendas brasileiras”, aparentemente, já sugere / estabelece o que há de comum entre eles: o aspecto de coletividade e a associação à oralidade como algo que convida ao encanto, ao fantástico, mas também à representação de um povo.

Já no texto de abertura da coletânea de lendas, escrito em dezembro de 1976, presente na edição da Editora Rocco (2015), intitulado “A força do sonho”, Clarice Lispector convida o leitor a refletir sobre as lendas e a sua função lúdica de fazer sonhar diante da realidade.

² O ato de recontar uma história através da reescritura reflete algo que ultrapassa os limites da simples inspiração a partir de outro um texto, pois, dessa forma, uma nova manifestação literária se ergue todas as vezes que histórias são reescritas, uma vez que essa postura funciona, muitas vezes, como uma espécie de mola propulsora da atividade literária. Utilizarmos o termo reescrita, ao invés de retextualização, justifica-se, neste trabalho, inicialmente, pelo fato de que, na abordagem de muitos estudiosos dessa área, não há uma definição muito clara acerca dessa noção. Marcuschi (2010, p. 46), ao discutir esses processos, apenas apresenta a amplitude dos conceitos, afirmando que, na retextualização, acontece uma espécie de “‘tradução’, mas de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua”. A seguir, o autor comenta o processo que chamou de reescrita, afirmando que este poderia ser visto como sinônimo do termo retextualização, uma vez que “igualmente poderíamos usar as expressões refação e reescrita, (...) que observam aspectos relativos às mudanças de um texto no seu interior (uma escrita para outra, reescrevendo o mesmo texto).”



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Além disso, em seu ‘encantatório’ enredo, elas são capazes de evidenciar ainda mais a grandiosa natureza brasileira através das doces histórias para ninar crianças e contagiar também os adultos. Ainda sobre as lendas, a autora escreve:

Uma lenda é verossímil? Sim, porque assim o povo quer que seja. De pai para filho, de mãe para crianças, é transmitida uma fabulação de maravilhas que estão atrás da História. Como ao redor de uma fogueira em noite escura, conta-se em voz sussurrante um ao outro o que, se não aconteceu, poderia muito bem ter acontecido nesse imaginoso mundo de Deus. E assim oralmente se escreve uma literatura plena e succulenta, em que o espírito secreto de todo um povo vira criança e brinca e “faz de conta”. Brinca? Não, é muito a sério. Pois o que é que pode mais do que um sonho?

(...)

[...] As lendas são uma potência. Elas procuram nos transmitir alguma coisa importante que se passa na zona penumbrosa e criativa popular. E o que não existe passa a existir por força mesmo de seu encantatório enredo. Nos grandes centros culturais brasileiros, as lendas infelizmente se perdem, menosprezadas por uma civilização que luta pela vida real. (LISPECTOR, 2015, p. 3-4)

E, ao final do texto, afirma: “Estão vendo que os adultos como eu também criam lendas.” A autora ainda apresenta uma nova classificação para suas pequenas narrativas, ao informar aos seus leitores: “Em cada mês do ano contar-vos-ei uma história ingênua no escurinho íntimo da noite. O que nos dará bem-estar e sorrisos” (LISPECTOR, 2015, p. 5). Observemos que o bem-estar é mútuo, para quem (re)conta e para quem escuta / lê. Há toda uma sugestão de proximidade entre autora e leitores, e esta, possivelmente, seria proporcionada pelo encanto que rodeia o conto popular e seu vínculo com a oralidade ancestral. Clarice evidencia esse vínculo já ao apresentar os contos que serão narrados no decorrer da obra, “histórias ingênuas” que, mais uma vez, evidenciam a singularidade da escrita lispectoriana.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Doze lendas brasileiras: recontos de muitas histórias...

Colhidos nas páginas e estórias ouvidas da tradição oral, os textos³ reescritos por Clarice Lispector reapresentam ao público infantil uma multiplicidade de personagens que vão desde o universo da mitologia indígena, passando por figuras comuns da cultura popular, como o Malazartes, e chegando ao último mês do ano recontando, o nascimento de Cristo. Nessas histórias, de acordo com a autora Nádia Gotlib (1995, p. 445), na obra, “A escritora procura criar um universo com elementos da cultura popular, no sentido de ser fiel a um clima bem brasileiro.” Ainda segundo a autora, “Sob certo aspecto, mantém-se nas histórias o bestiário a gosto da autora”.

O certo é que a atividade de reescrita das histórias evidencia nesta obra de Clarice um processo criativo em que cada narrativa está emoldurada com a forma, as temáticas e o estilo comum à escrita da autora, mesmo sendo um texto que, aparentemente, tem como destinatário o público infantil. Ao observarmos a forma como a escritora introduz em suas “lendas” indagações que ainda hoje inquietam o homem de diferentes formas e em diferentes momentos de sua vida, encontraremos, mais uma vez, também nestas provocações ao leitor, traços característicos comuns a toda a sua obra.

Assim, em cada história presente na coletânea de lendas, encontraremos um pouco de Clarice que, ao mesmo tempo em que evoca memórias de sua infância, também reconta o repertório de histórias “brasileiras” que escutou ao longo de sua vida, apesar de afirmar, em uma de suas entrevistas, que, quando criança, não costumava ouvir histórias contadas. (Cf. LISPECTOR, 2015, p. 127).

Já na primeira narrativa, a que ilustra o mês de janeiro, “Como nasceram as estrelas”, Clarice Lispector retoma um dos temas constantes em sua obra, o tema da origem, para contar como surgiram as estrelas no céu. A lenda evidencia como parte da escrita da autora não

³ Cabe lembrar que, mesmo recorrendo aos contos populares e às suas crônicas como fonte para a reescrita da obra em estudo, Clarice Lispector vai classificar, já a partir do título, cada uma das narrativas como lendas brasileiras.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

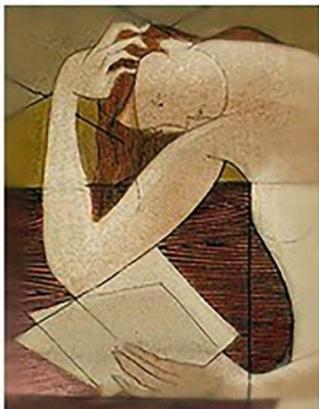
Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

contempla somente a inspiração na tradição oral, mas também o encanto pelas crianças, seu público mirim, aquele com o qual ela tinha comunicação “fácil”, pois, segundo Clarice, enquanto “o adulto é triste e solitário”, “a criança tem a fantasia solta”, conforme declara em entrevista a Julio Lerner, em fevereiro de 1977, no programa “Panorama”, da TV Cultura de São Paulo.

É dessa forma que, não por acaso, inicia a primeira lenda / história da coletânea anunciando que vai “contar a história singela do nascimento das estrelas” e, com essa postura narrativa, já estabelece um processo de interlocução com o seu público leitor comum à atividade de contar histórias ou ao conto oral. A narrativa segue o seu percurso e sussurra ao ouvido do leitor a tão conhecida chave de introdução de um texto infantil, o tão esperado “Era uma vez...”, dessa vez falando não de um tempo imemoriável, mas situando o leitor “no mês de janeiro”, entre “muitos índios”. As personagens principais dessa história são os curumins, pois “Curumim dá sorte.” (LISPECTOR, 2015, p. 8).

O processo de identificação entre texto e leitor segue, pois, na história, as crianças índias, além de trazerem sorte e serem espertas, são capazes de se comunicarem com animais como os colibris, que amarraram o cipó no topo do céu para que pudessem se esconder de suas mães por causa da travessura praticada com a comida. Após o desfecho, no qual os curumins, por não poderem mais voltar para a terra, foram “transformados em gordas estrelas brilhantes”, o narrador convida o leitor a acreditar no que estava sendo contado, uma vez que, assim como os pequenos índios sofreram uma transformação, incorporando-se à mãe natureza na forma de estrelas, as suas mães, ao caírem na terra, também sofreram um processo de transformação, elas se tornam onças, também parte da mesma natureza brasileira tão presente nas lendas indígenas de todas as regiões do Brasil.

Ao criar a sua versão para a lenda indígena da tribo Bororo, a autora não descaracteriza a versão contada pelos índios, antes o contrário, ela atribui cores híbridas à narrativa através da sugestão de um entrecruzamento de culturas e de crenças que perpetuam



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

o sentido de divindade e de magia evocado pelas estrelas no homem que, enquanto ser, contempla e busca incansavelmente através dos séculos conhecê-las /compreendê-las. No último parágrafo da lenda, o narrador anuncia: “[...] quanto a mim, tenho a lhes dizer que as estrelas são mais que curumins. Estrelas são os olhos de Deus vigiando para que corra tudo bem. Para sempre. E, como se sabe, sempre não acaba nunca.” (LISPECTOR, 2015, p.9). Eis aqui mais um convite à identificação e à interlocução, comuns à oralidade e à reflexão, elemento comum ao texto lispectoriano.

A atividade de reescrita dessa lenda indígena que conta sobre a origem das estrelas e que faz parte do vasto conjunto de contos do folclore brasileiro, também ocupou a imaginação de muitos outros escritores brasileiros que também escreveram as suas versões para essa história, entre os quais podemos citar os textos de Hernâni Donato, “Os curumins que se tornaram estrelas”; “Os meninos que viraram estrelas”, de Sávila Dumont e “Como surgiram as estrelas”, de Franchini, entre outros.

Para o mês de fevereiro, é apresentada ao leitor uma história sobre uma festa no céu, um “alvorço de festa no céu”. Aqui, além de reunir como personagens de sua história animais comuns à fauna brasileira, a lenda também recupera elementos comuns à fábula clássica na construção do enredo, como o estabelecimento de uma moral para a história, a personificação dos animais e a existência de diálogo / fala entre os animais. Evidencia-se, nessa narrativa, mais um traço característico da obra de Clarice, a ausência de fronteiras entre os gêneros. O texto também sussurra / sugere ao ouvido do leitor mais uma chave comum à oralidade, a famosa frase que também inicia algumas histórias do povo: “No tempo em que os bichos falavam...”

A festa no céu reescrita por Clarice retoma e mistura, em seu desfecho, duas narrativas brasileiras tradicionais que podem ser lidas entre os *Contos tradicionais do Brasil*, de Luiz da Câmara Cascudo, são eles: “A festa no céu” e “O sapo com medo d’água”. Em nota ao texto de “A festa no céu”, o autor afirma que esse conto popular “figura em quase todas as coleções



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

brasileiras e portuguesas” (CASCUDO, 1986, p. 267). Como sabemos, em muitas versões desse conto popular, o personagem sapo é substituído por uma cágado ou tartaruga e, como parte dessa vertente, podemos citar o belíssimo texto ilustrado *A festa no céu: um conto do nosso folclore*, da escritora Ângela Lago, entre muitos outros escritores que reescreveram esse conto popular em nossas letras.

Aqui, o narrador ‘atualiza’ a lenda ao contar que a festa aconteceria “na véspera do Carnaval” e que, ao receberem o convite, os animais que tinham asas pulavam de alegria, pois tinham sido contemplados com “um programa para o fim de semana”. Observemos nesse recurso a aproximação / identificação texto e leitor também proporcionada pelo uso de uma linguagem comum ao universo da criança. Para chegar à festa no céu seria necessário que o animal tivesse asas, o que excluía naturalmente aqueles que não as possuíam. O sapo, não se conformando em ficar de fora da festa e utilizando-se de sua esperteza, esconde-se no violão do urubu, que o transporta sem saber, e também vai à festa. Ao tomar ciência de que tinha sido enganado pelo sapo, o urubu, enraivecido, joga o sapo lá de cima, e este, mais uma vez recorrendo à sua esperteza, engana outra vez o urubu e escapa feliz dentro do lago. O desfecho da narrativa retoma uma temática comum às narrativas populares, a exaltação da esperteza como forma de sobreviver a alguma forma de injustiça. Dessa forma, ao final, quando o narrador afirma não haver moral da festa, não é bem isso que acontece, uma vez que a narrativa também conta ao leitor atento que as injustiças podem ser enfrentadas / superadas com um pouco de esperteza. “Moral da festa? Bem, não houve.” (LISPECTOR, 2015, p.12). Mais um convite à reflexão ou apenas mais uma construção irônica comum à escrita lispectoriana?

A autora dedica ao mês de março a reescrita da lenda amazônica sobre o Uirapuru. Mais uma lenda indígena é rerepresentada às crianças por Clarice. A narrativa tem como título “O pássaro da sorte”. Já no início da lenda, o narrador avisa ao leitor que a história é triste, mas que o canto do pássaro justifica que seja contada. A curiosidade do leitor já foi



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

despertada. Logo a seguir, novo convite ao leitor para mais uma reflexão, desta vez sobre a tolice das índias, pois “achavam que coisa bonita só pode vir de gente bonita” (LISPECTOR, 2015, p.15). A narrativa conta sobre um índio que, apesar de feio, tocava flauta muito bem, mas, ao ser encontrado pelas índias que procuravam o som da flauta, foi desprezado pelas mesmas devido à sua feiura. Nova flauta foi ouvida na floresta, e as índias localizaram como emissor do som um belo pássaro, o uirapuru, que, ao ser flechado por uma delas, transformou-se em um belo rapaz. O índio feio, como vingança, flechou o belo rapaz que novamente se transformou, desta vez, em um pássaro invisível, presente na floresta apenas pelo seu canto, que, apesar de não poder ser visto, podia ser ouvido. O desfecho da narrativa é inesperado, pois o narrador questiona como é que, mesmo diante de uma história tão triste, ainda se espalhou a ideia de que o uirapuru dá sorte. A esse questionamento, sem uma resposta lógica, o narrador responde de uma maneira muito próxima daquela usada pelo senso comum, que não se preocupa muito em explicar racionalmente os fatos, apenas conhece a verdade de uma afirmativa que passou de geração em geração como verdade, afinal existe coisa que apenas se sabe: “Ah, isso não sei, mas que dá dá.” (LISPECTOR, 2015, p.16).

Muitas são as versões existentes em nossa contística popular para essa lenda amazônica. Até mesmo Villa Lobos foi inspirado por ela para compor seu poema sinfônico. Em *Mitos e lendas do Brasil em cordel*, Nireuda Longobardi define o canto do uirapuru como “um soneto encantado”. Segundo a autora, “Todos os pássaros ficam / em silêncio para ouvi-lo. / O seu canto majestoso, / espalha-se com estilo, / por toda a grande floresta. / Um som doce e tranquilo.” (LONGOBARDI, 2009, p. 36)

O mês de abril, talvez por ter o seu primeiro dia conhecido como sendo o Dia da Mentira, foi escolhido por Clarice para contar sobre uma das muitas espertezas de Pedro Malasarte, esse personagem tão brasileiro quanto pode ser. Com essa narrativa, mais uma vez, a autora retoma o tema da esperteza como arma contra as injustiças, quando reescreve uma das seis aventuras de Malasarte, a de número II, registrada por Luís da Câmara Cascudo em



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Contos tradicionais do Brasil. A narrativa celebra, já nas palavras iniciais, a existência do mês de abril. Vejamos nas palavras do narrador, que afirma: “Ah, mês de abril, que delícia de existir! Também para Pedro Malazarte.” (LISPECTOR, 2015, p.17). Era uma “delícia” o existir desse mês, “Também para Pedro Malazarte.”. Observemos a sugestão e o convite ao deleite que se apresenta ao leitor. Era o início do mês em que se celebrava o Dia da Mentira, e o personagem apresentado sintetiza as características necessárias à mensagem / moral final da narrativa, que ratifica o uso da esperteza como arma do para punir os opressores e, assim, de alguma forma, lutar contra injustiças, afinal “era 1º de abril, dia de se enganar os outros” (LISPECTOR, 2015, p.19).

Ao definir o personagem Pedro Malasarte, Câmara Cascudo (1999, p. 536) afirma-o como “figura tradicional nos contos populares da Península Ibérica, como exemplo de burlão invencível, astucioso, cínico, inesgotável de expedientes e de enganos, sem escrúpulos e sem remorsos.” O autor ainda o define como “tipo feliz da inteligência despudorada e vitoriosa sobre os crédulos, os avaros, os parvos, orgulhosos, os ricos e os vaidosos, expressões garantidoras da simpatia pelo herói sem caráter.”

No Brasil, muitos foram os folcloristas, pesquisadores e escritores que se voltaram para a figura de Malasartes. Entre eles, podemos citar Luís da Câmara Cascudo, em textos como os *Contos tradicionais do Brasil*; Sílvio Romero, em seu livro *Contos populares do Brasil*, Lindolfo Gomes, em seu *Contos populares brasileiros*, que, na primeira parte do livro, dedicada aos “contos populares”, registra doze aventuras de Pedro Malazarte. Sobre o personagem, Câmara Cascudo (1999, p.537) afirma que: “Pedro Malazartes é a figura humana que determinou um ciclo de facécias em maior quantidade, de exemplos e atração irresistível.”

No que se refere ao público infantil, a arte de recontar também motivou vários autores a egerem as aventuras de Malasartes como personagem de seus textos. Fazem parte do acervo infantil que recontam as histórias do herói popular, entre muitas outras, obras como



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

*Histórias à brasileira: Pedro Malasartes e outras*⁴, de Ana Maria Machado; *Literatura oral para a infância e a juventude: lendas, contos e fábulas populares no Brasil*, coletânea organizada por Henriqueta Lisboa. Entre os muitos contos populares apresentados na coletânea, estão as narrativas que versam sobre a personagem Malasartes.

Maio é o mês das noivas, e nada seria mais adequado que a reescrita de uma lenda brasileira que tem como personagem “a perigosa Yara”, que, sempre em busca de um noivo, utiliza-se de seu canto para atrair rapazes para o fundo das águas. A narrativa de Clarice começa e termina com advertências ao leitor. Já no título, a autora informa que a Yara é “perigosa”, mas, assim como tudo que é perigoso, fascina e atrai, pois ela também é “magnífica”. Atraído pela “tentação da aventura”, um índio Tapuia sucumbe aos encantos da sereia e acaba no fundo do rio, e a Yara logo volta a buscar outros moços para casar, enfeitada “com rosas e jasmims. Porque um só noivo, ao que parece, não lhe bastava.” Ao final do texto, mais uma advertência: “Esta história não admite brincadeiras. Que se cuidem certos homens”(LISPECTOR, 2015, p.21), novo convite à reflexão.

A Iara / Yara, apesar do nome indígena, é uma personagem que chega até nós como parte do imaginário europeu que é “transplantado” pelos portugueses colonizadores para as terras brasileiras. Assim como o Malasarte, a Iara também chega até as narrativas populares brasileiras através da herança trazida de Portugal durante o período de colonização desta terra. Aqui plantou raízes e nunca mais foi esquecida pelos escritores e pelos contadores de histórias. A Yara de Clarice Lispector assemelha-se à Iara da história de Ricardo Azevedo, que reconta essa lenda no livro *Bazar do folclore*, pois, neste, o autor ratifica a personagem com aquela que “representa o desejo proibido, a tentação.” (AZEVEDO, 2002, p.25). Ainda sobre esse aspecto da personagem, Nireuda Longobardi (2009, p. 12) vai descrevê-la como “Linda e enigmática, / cabelos longos ao vento. O seu canto é hipnótico, / atraindo-os para

⁴ A obra apresenta três aventuras do personagem: “Pedro Malasartes e o lamaçal colossal”, “Pedro Malasartes e o surrão mágico” e “Pedro Malasartes e a sopa de pedra.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

dentro / das águas muito profundas,/ depois só resta lamento. A Iara apresentada ao leitor infantil por Monteiro Lobato também é descrita como “perigosíssima”, nas palavras do saci, que segue a sua descrição na narrativa declarando que “Todo o cuidado é pouco. A beleza da Iara dói tanto na vista dos homens que os cega e os puxa para o fundo d’água. A Iara tem a mesma beleza venenosa das sereias. Você vai fazer tudo direitinho como eu mandar.” (LOBATO, 2005, p. 71). Muitos outros escritores, em vários momentos de nossa literatura, retomaram a Iara como fonte de registro, de pesquisas e de reescritura dessa lenda “transplantada” do mundo europeu e enraizada nas histórias do povo brasileiro.

O mês de junho é naturalmente rico em festas populares, especialmente no nordeste brasileiro, um dos palcos da infância de Clarice. Assim como o mês de fevereiro, a história reescrita retoma a temática dos bichos. Mais uma vez, a autora recorre ao bestiário, tema e personagens comuns em seus textos, e a uma lenda contada pelos “índios da tribo Tembê” para recriar a história de “Uma festança na floresta”. Essa festa da “bicharada na selva” narra sobre como e por que os animais perderam o dom da fala. Ao serem convidados para a festa, os animais desconheciam o anfitrião e, apesar de desconfiarem que se tratava da onça, receberam a garantia de que, “na ocasião, seria abolida toda a ferocidade.” (LISPECTOR, 2015, p.24). Os animais atenderam ao convite e, no auge da animação, a onça era tentada a seguir os seus instintos e atacar os convidados. Entretanto, como a carnificina não era permitida, ela passa a usar de um outro tipo de ferocidade para atacá-los, a sua “língua viperina”. Por isso, ela foi castigada pelo deus dos veados, Arapúá-Tupana, cujo canto não matou a todos, mas tornou-os incapazes de falar e de se comunicarem. A autora encerra a narrativa com uma afirmativa que mais parece uma provocação, um convite à nova reflexão, afinal a impossibilidade de fala e de entendimento entre os animais teve como única motivadora uma “onça linguaruda”. Pensemos sobre.

Essa lenda reescrita por Clarice Lispector também faz parte do folclore indígena brasileiro e também foi recontada pela escritora Maria Thereza Cunha de Giacomo, com o



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

título *Uma festa na selva: lenda dos índios Tembé*, como parte da coleção “Lendas brasileiras”, em 1974.

Outra lenda do folclore brasileiro reescrita pela autora é a do “Curupira, o danadinho”. Ela foi dedicada ao mês de Julho. Uma “história esquisita”, “de um ser mais esquisito ainda”, e em uma linguagem que, aos sentidos de um leitor criança, possivelmente, soaria também como uma extensão das esquisitices anunciadas pela autora já nas frases iniciais do texto: “Neste mês vou vos contar história esquisita” (LISPECTOR, 2015, p.27). Aqui, a autora, mais uma vez, recorre ao trabalho minucioso com as palavras para sugerir ao leitor o que não está dito de fato. Clarice, sempre Clarice.

Na sequência da narrativa, a autora passa a descrever um ser que qualifica como “misterioso”, “sábio”, “danadinho”, “pequeno moleque” e protetor dos animais contra os caçadores, que são cruelmente punidos com suas vinganças, quando deixam de atender aos seus pedidos. Segundo o narrador, ele também tem parentesco com um outro morador encantado das florestas brasileiras, o saci. Mesmo sendo um moleque que é bom para os bichos da floresta, “com o Curupira não se brinca.” (LISPECTOR, 2015, p.29).

O personagem, apesar de “esquisito” e “feio que nem o Tinhoso”, também apresenta características que conquistam e aproximam o leitor da história, já a partir do título, “Curupira, o danadinho”. Observemos como, já a partir do título, o diminutivo inicia a narrativa favorecendo o processo de identificação entre texto e leitor, cultivado ao longo de todas as lendas da obra em estudo. Ao final da história, novamente, o leitor se depara com um mistério para o qual o narrador não tem explicação: “por que ele é tão bom com os bichos” (LISPECTOR, 2015, p.29). Mais uma ponderação sobre a crença existente entre os homens de que as coisas bonitas só podem brotar de gente bonita, já apresentada na lenda do mês de março?

O Curupira é, segundo Câmara Cascudo (1999, p. 332), “Um dos mais espantosos e populares entes fantásticos das matas brasileiras.” Essa lenda tem origem entre os povos



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

indígenas, e as primeiras referências ao nome do Curupira datam do século XVI, com o Padre José de Anchieta. Assim como os demais personagens das histórias populares brasileiras reescritas por Clarice Lispector, o Curupira e suas façanhas também foram retomados como inspiração para o relato de vários escritores brasileiros. Entre eles, Marcia Meyer Guimarães, com a obra *O Curupira*; Nireuda Longobardi, com versos que também o descrevem como “o protetor da floresta (p. 24), em *Mitos e lendas do Brasil em cordel*; Maria Thereza Cunha de Giacomo, com livro *O Curupira: lenda indígena*, como parte da coleção “Lendas brasileiras”; Arnaudo Niskier, com *As aventuras do Curupira*, entre outros.

Para ilustrar o mês de agosto, a autora reconta uma das mais belas e conhecidas lendas do folclore gaúcho: "O Negrinho do pastoreio". A escolha é justificada por ser mês de agosto e fazer um pouco de frio, daí o relato de uma história que, segundo o narrador, tinha acontecido no sul do país. Conta a lenda que um “negrinho” escravo, castigado repetidas vezes pelo patrão, um homem mau e sovina, era sempre protegido por Nossa Senhora em suas desventuras. Um de seus castigos era procurar os cavalos do patrão na noite escura. Como auxílio em sua busca, ele leva tocos de vela do altar da santa e encontra os cavalos com o auxílio da luz das velas que se multiplicavam. Novo castigo lhe é imposto, e novo milagre de Nossa Senhora que lhe salva das formigas após uma surra. Ao presenciar o milagre de encontrar o negrinho sadio apesar das chicotadas e do formigueiro, o patrão se ajoelha “de medo e não de bondade”. (LISPECTOR, 2015, p.31) Diante da cena narrada e da superstição dos gaúchos sobre os poderes que o Negrinho tem para encontrar o que foi perdido ser apresentada ao leitor, novo questionamento, nova reflexão é direcionada ao leitor: "Será que a moral dessa história é que o bem sempre vence? Bom, nós todos sabemos que nem sempre". (LISPECTOR, 2015, p.31-32)

Sobre essa narrativa, Franchini (2011, p. 138) afirma que ela é “a lenda mais popular no extremo sul do Brasil” e que o escritor Simões Lopes Neto foi o seu maior divulgador”. Esse autor gaúcho reconta a lenda do Negrinho do pastoreio em seu livro *Contos gauchescos*



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

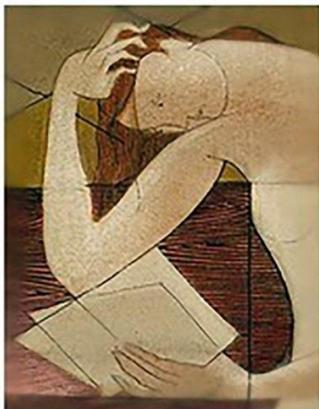
Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

e lendas do sul. Câmara Cascudo também tem essa lenda recontada em mais de uma versão, citemos aqui aquelas que constam nas obras *Lendas brasileiras para jovens* e *Geografia dos mitos brasileiros*. De acordo com o referido autor (2012, p. 317), “O Negrinho do Pastoreio é lenda cristã, divulgada com finalidades morais. O Negrinho é sem pecado, uma vítima. É um acessório à bondade de Nossa Senhora, madrinha dos que não a têm.” Ratificando o aspecto religioso da narrativa, Longobardi (2009, p. 16) vai apresentá-la como “uma triste história / de um menino que sofreu, / mas alcançou a vitória, / e hoje habita com / nossa Senhora na Glória. Em “O negrinho”, capítulo da obra *O saci*, de Monteiro Lobato, uma das principais fontes de Clarice, também está a referência a esse personagem como mártir / santo por seus sofrimentos:

Os homens daquelas bandas começaram a considerar o negrinho como um mártir que tinha ido direto para o céu. Com o tempo virou um verdadeiro santo. Quem quer qualquer coisa, na campanha do Rio Grande, antes de pedi-la a Santo António ou a outro santo qualquer, pede logo ao Negrinho do Pastoreio.” (LOBATO, 2005, p. 50).

No mês de setembro, as crianças têm um encontro com mais um personagem do folclore brasileiro que, assim como a Iara e o Negrinho do Pastoreio, faz parte do universo lobatiano, o Saci-Pererê. O início da narrativa, que tem como título “Do que eu tenho medo”, é também marcado pela interlocução com o leitor. Vários são os recursos utilizados no texto para estabelecer essa proximidade entre quem conta e quem lê / escuta. Aqui, o narrador é também o protagonista, ele compartilha com o leitor o seu medo em conhecer o Saci. Lembremos que o capítulo III da obra *O saci*, de Monteiro Lobato, tem como título “Medo de Saci”. Pedrinho também tem medo de Saci. A forma como esse medo é exposto ao leitor oscila entre o tom confessional, que lembra a ingenuidade infantil, quando assume ser “um pouquinho covarde” e, ao mesmo tempo, um adulto que assume ter os seus “medos.”.

A seguir, está a descrição do “diabinho de uma perna só”, que usa um gorro vermelho e fuma cachimbo. O tom confessional prossegue na narrativa numa espécie de cumplicidade



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

que mistura vida real e fantasia diante do leitor da lenda. Narrador e personagem dividem afinidades como "vício do fumo" e tendência para a brincadeira / diversão e para a vingança. Ao final da narrativa, nova confissão ao leitor: "...eu também sou um pouquinho Saci-Pererê: foi com ele mesmo que aprendi as manhas." (LISPECTOR, 2015, p.34)

Além de Monteiro Lobato, provavelmente, a grande fonte de Clarice Lispector para essa lenda, citaremos também, entre os muitos autores que escreveram sobre esse personagem do folclore brasileiro ou recontaram a lenda do Saci, os nomes de Luiz da Câmara Cascudo, Ricardo Azevedo e, mais recentemente, o escritor Marco Haurélio, que apresenta ao público leitor mais uma versão dessa lenda em cordel.

A lenda escolhida por Clarice para o mês de outubro traz novamente à cena a temática dos bichos. Um presente para as crianças no mês em que se comemora o dia a elas dedicado. O início da narrativa já sugere a ludicidade do ato de contar e de ouvir, principalmente quando a história retira o leitor do presente e o transporta para o tempo das tatatatataravós, ou seja, um tempo para imaginar. A lenda tem como título "A fruta sem nome" e conta sobre uma época de uma árvore encantada da floresta amazônica que dava uma "fruta gostosa", capaz de saciar a fome dos bichos, mas ninguém sabia o nome dessa árvore. O jabuti, informado por Tupã, diferente dos outros animais que eram sempre enganados por uma velha e acabavam esquecendo, consegue memorizar o nome, enganar a velha e dividir com os outros animais da floresta o segredo. Irritada, a velha bateu no casco do jabuti até que o seu casco ficasse rachado. A lenda cumpre o seu papel junto ao leitor duplamente, pois explica por que o jabuti tem o casco "rachado" e, implicitamente, convida o leitor a refletir sobre o poder da persistência e da esperteza para que um objetivo seja atingido. A narrativa, mesmo que nas entrelinhas, apresenta ao leitor a sabedoria escondida nas histórias contadas pelo povo desde um tempo que não é possível datar precisamente.

Versões dessa história popular também foram recontadas, entre outros autores, por Sílvio Romero, com o título de "O cágado e a fruta", em *Contos populares do Brasil*, e Ana



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

Maria Machado, com o título “O jabuti e a fruta”, em seu livro *Histórias à brasileira: o pavão misterioso e outras*.

Para o mês de novembro, na décima primeira lenda, "Como apareceram os bichos", Clarice volta às narrativas indígenas, que explicam as origens das coisas, para contar sobre a origem dos animais. Novamente a temática da origem e, novamente, os animais são trazidos como personagens nos recontos da autora. A narrativa conta sobre um índio Maué que, enciumado por sua noiva tê-lo enganado para participar de uma festa da tribo e namorar outros rapazes, muda para sempre a vida na floresta. A história se passa “no tempo mais antigo do mundo”, no qual não havia animais, somente pessoas. ‘Nesse tempo’, as pessoas as sofriam transformações. O índio, ao buscar pela verdade sobre o comportamento de sua noiva, transforma-se em um “pássaro veloz” e, quando a encontra em uma “dança alegre”, com outro parceiro”, “furioso”, ele volta a ser gente e invoca a fúria da natureza em forma de uma tempestade, que cai sobre a floresta, e começa a praticar ações como “bater em todo mundo”, inclusive em sua noiva, que, ao ter o seu nariz bem “puxadinho”, transforma-se em um tamanduá-bandeira. Daí por diante, as transformações se seguem, e outros animais têm sua origem explicada. Como parte da fantasia, o tempo é imemoriável, mas, no decorrer da narrativa, os acontecimentos dessa fantasia também podem sofrer transformações e assumir outras mensagens para o tempo presente dos leitores.

Se o destinatário primeiro dessa escrita é a criança, aqui, o leitor adulto também pode ser tomado pela ‘magia’ de mais essa história lispectoriana que, além de lhe proporcionar prazer, também pode inquietá-lo. Observemos como Clarice, a partir de uma lenda indígena, elabora, sugestivamente, uma reflexão sobre a ‘transformação’ do ser humano em um momento de raiva e sobre como esse momento pode trazer como consequência grandes mudanças. Ao final, a lenda conta também sobre a origem "do mar e da terra". Mais uma vez, a autora recorre ao fascínio e à fantasia da lenda de um povo como respostas às questões sobre a origem do mundo, dos animais e, por que não dizer, do próprio homem, que se



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

redescobre em suas inquietações no ato de uma leitura que pode ser prazerosa e, ao mesmo tempo, reflexiva.

Também recontaram essa lenda autores como Daniel Munduruku, com o conto “Depois do dilúvio” (mito Kaingang), em seu livro *Contos indígenas brasileiros*; Hernâni Donato, no conto “Como apareceram os animais”, parte do livro *Contos dos meninos índios*, e Tiago Hakiy, no livro *A origem dos bichos*.

Em dezembro, o último mês do ano, a autora reescreve aquela que ela avisa antecipadamente ao leitor, já no título, tratar-se de “Uma lenda verdadeira”. Na narrativa, a presença do lirismo lispectoriano evidencia-se no decorrer de todo o texto e apresenta expressões como: “...um nascimento – que sempre renova o mundo e o faz começar pela primeira vez. (...) O silêncio do Deus grande falava. (LISPECTOR, 2015, p.43). Há nessa narrativa a ênfase à ideia de um destino a ser cumprido por todos: Maria, que tinha como “tarefa no mundo e diante dos povos e de Deus”, cumpri-lo; a Criança, cujo destino “era o de nascer” e até mesmo os bichos tinham um destino que, naquele momento e lugar “se fazia e refazia: o de amar sem saber que amavam” (LISPECTOR, 2015, p.42-43). Nessa “lenda verdadeira”, mesmo permeada de profundo lirismo, estão também os convites secretos da autora para a reflexão sobre questões como destino, humildade, fraternidade e o constante renascer desse Menino em “em muitas casas do mundo”.

Observemos que a história do nascimento desse menino está entre as histórias brasileiras escolhidas pela autora para recontar. Esse fato pode evocar duas ideias possíveis: a primeira, que nos fala sobre a universalidade da narrativa contada, e uma segunda, que nos leva ao fato de que essa história já nos teria sido contada por muitos outros escritores brasileiros e até mesmo pela própria autora, tornando-se, portanto, de fato, além de “verdadeira”, também uma lenda brasileira.

Na última narrativa do livro *Doze lendas brasileiras*, Clarice se reconta e se reescreve quando retoma a lenda sobre o nascimento do menino / Cristo. Essa lenda já se faz presente



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

na obra lispectoriana através de crônicas como “Na manjedoura”, do livro *Para não esquecer*, e “Hoje nasce um menino”, do livro *A descoberta do mundo*.

Considerações finais

José Calos Leal, em *A natureza do conto popular*, afirma que, tão antiga quanto o próprio homem, a arte de narrar ocupa um espaço considerável na existência humana. De acordo com esse autor, as histórias /contos voam de boca em boca, de geração em geração, “sempre velhos e sempre novos.” (LEAL, 1985, p. 12). É a essa capacidade de renovar-se e de recriar-se do conto popular que a escrita lispectoriana recorre no processo de reescrita da obra *Doze lendas brasileiras*.

Ao escolher cuidadosamente os contos populares a serem reescritos em suas lendas, Clarice Lispector aborda temas que guardam uma aparência “ingênuas”, assim como é o seu público destinatário, as crianças. Entretanto, nas entrelinhas de suas histórias infantis, é também possível a leitura de temas tão delicados quanto podem ser o próprio homem e o mundo que o cerca, talvez endereçados ao contador. É dessa forma que a autora, mesmo não sendo apresentada pela tradição da literatura infantil brasileira como parte do conjunto de escritores mais conhecidos entre aqueles que escrevem para esse público, dá sua contribuição, com essa fórmula para criar lendas, abrindo para esse e também para outros possíveis leitores um espaço para o encanto, para a imaginação, para o prazer, mas também para a reflexão, constantemente sugerida no decorrer das narrativas.

As lendas de Clarice, assim como outras de suas obras destinadas ao público infantil, expõem um imaginário perpassado por elementos corriqueiros que provocam, entre outras coisas, a percepção do leitor e, como já dito, não somente o leitor criança, mas também o leitor de outras idades, que, provavelmente, ao (re)ler os contos de infância, vai encontrar nessas imagens, mensagens não propostas antes por outros escritores. É dessa forma que as



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

lendas lispectorianas extrapolam, ao mesmo tempo, as “delimitações” das tradicionais narrativas destinadas à infância e a classificação precisa acerca de sua produção.

Ao longo das doze lendas reescritas, Clarice, como já dissemos, não conta apenas histórias para crianças, ela conta também um pouco de si, de seu sentimento de brasilidade, de seu encanto pelas lendas brasileiras, recolhidas dos mais diversos recantos e origens, e de suas histórias favoritas, especialmente, de sua assumida paixão pela obra lobatiana, enquanto leitora.

No texto de abertura da obra, a autora convida o leitor ao encanto das lendas e se assume “também” como “criadora” de um gênero que está se perdendo “nos grandes centros culturais brasileiros”, pois é “menosprezado por uma civilização que luta pela vida real.” (LISPECTOR, 2015, p.4). Também fala ao leitor sobre a beleza do Brasil e de suas histórias e, ao longo das doze narrativas que se seguem, faz desfilar uma sequência de personagens, temas e histórias do povo do Brasil que são reescritos como fios que compõem um imenso tecido de intertextualidades que acreditamos ser impossível desvendar em sua totalidade. Na última lenda da obra, Clarice se reconta e se reescreve, pois, se olharmos atentamente as páginas iniciais e finais do texto, observaremos que ela se apresenta ao leitor como porta de entrada, com um convite ao encanto, e, como fecho de sua própria escrita, com mais um convite à reflexão, afinal os adultos “como ela” também criavam lendas.

De fato, conforme nos disse Drummond, no poema “Visão de Clarice”, “Clarice não foi um lugar-comum”. Busquemos então, nas lendas brasileiras que a autora dedica às crianças, o fascínio despertado também em nós, leitores mais crescidos, por esse olhar singular da escrita lispectoriana, cheio de mistérios e magia sobre o homem e suas histórias, para que possamos, quem sabe um dia, desvendá-los.

Referências

AZEVEDO, Ricardo. *Bazar do folclore*. São Paulo: Ática, 2002.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

V. 17, n.1 - 2021

Dossiê Clarice Lispector: Iluminações para o tempo presente

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do Folclore brasileiro*. 10. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Editora Globo, 2012. E-book. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/en15s>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

FRANCHINI, A. S. *As 100 melhores lendas do folclore brasileiro*. São Paulo: LP&M, 2011.

GOTLIB, Nadia Battela. *Clarice – uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

LEAL, José Carlos. *A natureza do conto popular*. Rio de Janeiro: Conquista, 1985.

LISPECTOR, Clarice. [Entrevista concedida a] Júlio Lerner, *programa Panorama, da TV Cultura*. São Paulo, em 1 de fevereiro de 1977. Disponível em <https://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector/>. Acesso em: 01/02/2020.

LISPECTOR, Clarice. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2015. E-book. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-outros-escritos-clarice-lispector-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em 02 de fevereiro de 2021.

LISPECTOR, Clarice. *Como Nasceram as Estrelas: doze lendas brasileiras*. 1. ed. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2015. E-book.

LOBATO, Monteiro. *O saci*. 56. ed. 17. reimp. São Paulo: Brasiliense, 2005.

LONGOBARDI, Nireuda. *Mitos e lendas do Brasil em cordel*. São Paulo: Paulus, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. *Contos tradicionais brasileiros*. 2. ed. São Paulo: Global, 2005.